

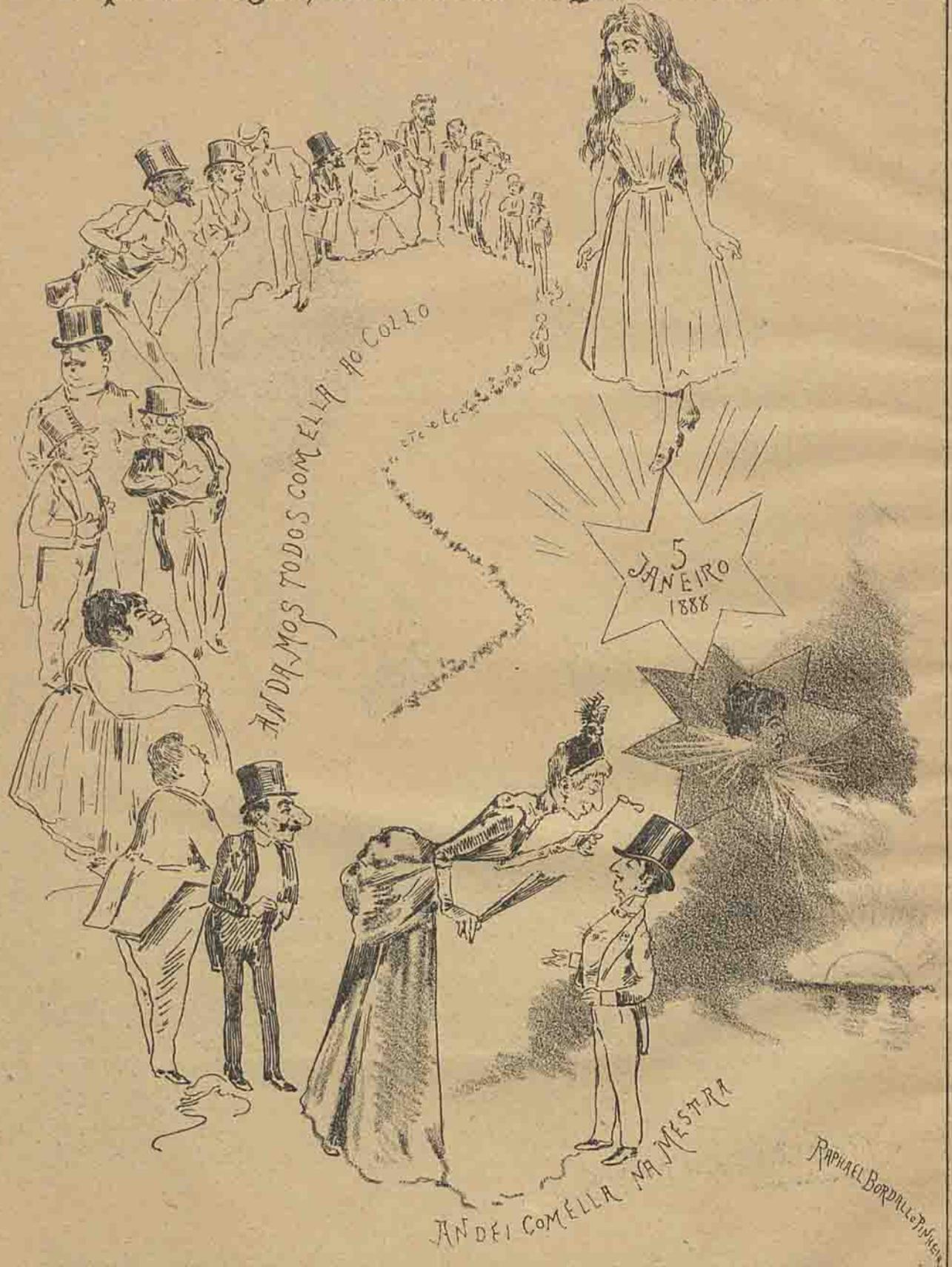
## REGINA PACCINI



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Quem conhece o nosso diletante, tal como elle é, avaro de applausos, frio nas expansões, retrahido aos enthusiasmos, poderá então avaliar o merecimento enorme d'essa criança extraordinaria, que ao poder dominador da sua voz privilegiada, ao influxo irresistivel da sua alma enthusiastica, soube arrebatat toda uma multidão enorme, n'um phrenesi de applausos estrondosos, que se chocavam como ondas irrequietas, até se espriarem carinhosamente aos pés da deliciosa artista, como um oceano de flores a atapetar-lhe os primeiros passos d'uma carreira verdadeiramente gloriosa!

## Que se dizia, na estreia da grande cantora



—Logo vi que havia de sahir d'aqui uma grande artista: eu andei com ella ao colo... — Sempre me quiz parecer que estava ali uma gloria: andei com ella ao colo... — Bem dizia eu que era uma grande cantora: andei com ella ao colo... — Nunca me enganei prophetisando-lhe um futuro brilhante, quando andava com ella ao colo... — Que talento! que genio! E pensar que andei com ella ao colo.

Um sujeito, para a corista gorda: — A senhora tambem andou com ella ao colo?  
 cá corista gorda. — Não senhor; ella é que andou commigo...

## Por ahí...



Acabam de dar tres horas na torre de S. Paulo.

Comprehendemos como o honesto e laborioso carvoeiro deve regosijar-se por tal facto. D'antes punham-lhe o sal na moleira perguntando-lhe em ar de chincalhação:

— Já deu meio dia em S. Paulo?

Pois que lh'o perguntem agora e elle responderá triumphantemente, com as badaladas que acabamos de ouvir.

Ditoso carvoeiro! Quem nos dera estar-lhe na pelle — com crosta de carvão de sisco e tudo!

A's quartas feiras, as tres horas da tarde são para nós a hora das angustias e das atrapalhações, como a meia noite é sempre para os feiticieiros a hora dos phantasmas e das bruxarias.

— Credo! abrenuntio! — com as tres horas da tarde!

Alem, entre os umbraes da porta, o mensageiro da typographia espera que lhe escrevamos a chronica da semana e pede-nos linguados escriptos para os compositores como quem pede linguados fritos — isto é, como quem pede pão para a boeca, abrindo a referida boeca n'aquelles boccejos cantados, interminaveis, estrondantes, que constituem o supremo alivio de todos os moços de fretes e representam ao mesmo tempo o desespero paciente de quem está esperando com impaciencia...



Ora digam-nos sinceramente como é que nós havemos de fazer a chronica d'uma semana que não teve semelhante coisa, e como poderemos, de bom humor, jungir á cabeça do pae de todos, do fura bolos e do mata piolhos (salvo seja!) a nossa penna de chronista, agora, ás tres horas da tarde, quando lá por fóra scintilla o sol brilhante, como uma colossal amostra dos brilhantes do 103, e se alastra a cupula azul celeste, como um monumental reclame aos chapéus do 92?...

— Oh! Tantaló! como tu foste um condemnado feliz! Pozeram-te a morrer de fome e de sede e fizeram que te corresse quasi á flor dos labios a mais deliciosa agua da Sabuga e que te perfumassem as narinas azitadas os mais apimentados petiscos do *restaurant* Tavares. E tu namoravas a transparencia da lymphá crystallina e tu fungavas as emanções dos petisquinhos appetitosos, mas não podias tocar-lhes, porque te haviam amarrado de pés e mãos com uma valente corda de linho comprada no estabelecimento do Abreu dos cabos...

— Pois foste um felizão, meu refinadissimo patife!

Tambem nós estamos aqui com sede de sol e fome de Avenida, e assim o nosso supplicio pode considerar-se mil vezes maior de que o teu, visto não termos um barço benemerito que nos empeça de marchar para onde nos está pulando o pé!

E como é formosa a Avenida a estas horas!

E' agora que começa a encher a elegancia, que dá praíamar lá para as quatro horas da tarde.

Quando para nós, indigenas de profissão, essa elegancia se manifesta tão saliente, o que será para o estrangeiro que passeiar a primeira tarde na Avenida?

Hade necessariamente ficar espantado, assombrado, maravilhado do numero infinito de equipagens, de cavalleiros, de fidalgos com que se ornamenta o *high-life* lisboeta.

Repoltreado em uma cadeira do Asylo de Mendicidade, esse estrangeiro observará durante algumas horas o movimento ininterrupto de milhares de trens e de cavalleiros, uns que sobem outros que descem, sem reparar decerto em que esses trens e esses cavalleiros são sempre os mesmos, cirandando inalteravelmente do monumento dos restauradores para o famoso parque em semente e do famoso parque em semente para o monumento dos restauradores, na asafama escrupulosa de quem está cumprindo a obrigação de cada dia ou pagando uma promessa a Santo Antonio dos Capuchos, e com a precisão bem ensaiada com que aquelles dois soldados da farça *I feroce romani* desempenhavam o papel d'um regimento completo.

O sr. infante D. Augusto, por exemplo, passa para cima, passa para baixo, torna a passar para cima, volta a passar para baixo, e assim continuamente, desde as tres horas da tarde até o pôr do sol.

O estrangeiro vê-o passar pela primeira vez, e pergunta-nos curioso:

— Quem é este cavalheiro?

Como o sr. D. Augusto tem mais de cincoenta nomes, respondemos simplesmente, para não massar o nosso interlocutor:

— E' o infante D. Augusto.

Elle torna a passar e o estrangeiro a perguntar-nos:

— E este agora?

Para variar de nome, respondemos:

— E' o Miguel, irmão de el-rei.

Repete-se a scena:

— E este?

— E' o general Gabriel, tio do principe real.

— E este?

— E' o par do reino Gonzaga, cunhado de sua magestade a rainha.

— E este?

— E' o gran-cruz Agricola, tio em segundo grau do principe da Beira.

— E este?

— E' o duque de Coimbra, irmão da princessa D. Antonia.

E' assim successivamente, aproveitando todos os nomes, todas as occupações e todos os graus de parentesco de sua alteza, até o estrangeiro ficar convencido de que passaram cincoenta e tantas equipagens com criados agalvados e de que a familia real portugueza tem tantos membros do comprimento do sr. infante D. Augusto que, se se estendessem todos em linha, agarrados uns aos outros, eram capazes de dar trez vezes a volta ao mundo — como acontecia ao actor Queiroz nos *Sinos de Corneville!*



# ORNATO

PEDRA ANGULAR DO CAPRICHOSO MONUMENTO



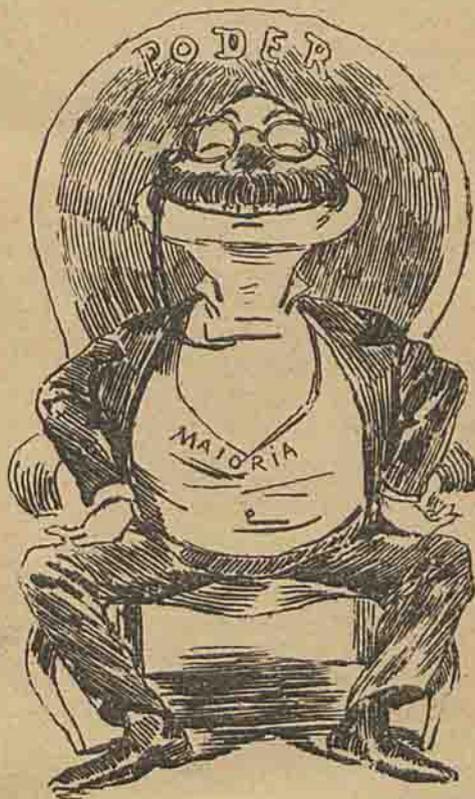
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

N'este sentido  
Fica o palacio,  
Do grão partido  
Topa-Serpaceo.

— Se o guarda-vento  
Não sofrer danos,  
E' monumento  
P'ra muitos annos . . . .

## GOVERNO QUE RI E OPPOSIÇÃO QUE RUGE

A opposição expedita,  
 Mais feroz que o Costa Apita,  
 Gesticula, berra e grita,  
 Não socega, não se applaca !  
 E ao governo, em torvo aspecto,  
 Diz do modo mais selecto :  
 — *Salsa arreda, que te espeto!*  
 Que te vou coser á faca !



M. Augusto Bordallo Pinheiro

E o governo, sempre alegre,  
 Sem que a fallar se desregre,  
 Mais *polido* que um bisegre,  
 Nem se offende, nem se pica ;  
 E diz, com cara velhaca  
 Onde o riso se destaca :  
 — Puxe, embora, pela *faca*,  
 O governo, porém, *fica* !...

## As licenças

É bem certo que d'um argueiro se forma ás vezes um cavalleiro.

Vejam agora este caso das licenças...

Uma coisa tão natural na nossa vida, tão adequada aos nossos habitos, tão identificada com os nossos costumes; uma coisa genuinamente nacional, ha tantos annos, ha tantos séculos, levantando agora por ahi, inopinadamente, a mais extraordinaria das celeumas, o mais estapafúrdio dos clamores!

Como se a licença não gosasse de ha muito entre nós os foros de moeda corrente para todos os actos, ainda os mais rudimentares da nossa vida!

Como exemplo, ahi vão tres exemplos:



No collegio.

O estudante experimenta uma d'aquellas necessidades imperiosas que a natureza impoz ao genero humano — alem do comer, beber e dormir — uma necessidade que, por isso mesmo que é impreterivel, está isenta de licença.

Pois sabem o que faz o estudante, para satisfazer essa necessidade, que a natureza lhe impoz satisfizesse por fás ou por néfas?

Levanta a mão direita, em ar de continencia de policia civil, e solicita do professor:

— *Dá licença que vá á caixa* ...



No quartel:

O 95 da 4.<sup>a</sup> companhia de cavallaria da guarda municipal dirige a palavra ao seu superior:

— Participo a v. ex.<sup>a</sup> que hontem á boquinha da noite levei na bocca do estamago uma parelha de coices, que me me deu o afimal da minha cavalgada — *com licença do meu commandante*...



No boudoir da viscondessa:

O medico assistente entrára de visita e ha coisa de meia hora que os dois estão conferenciando particularmente em coisas que, verdade verdade, só podem interessar a medicina... d'aqui a nove mezes...

De repente abre-se a porta e apparece Rosina, a criada de quarto da viscondessa...

O medico faz-se encarnado de desapatamento, a viscondessa põe-se vermelha de vergonha e a Rosina fica-se rubra... de inveja...

E a viscondessa diz muito encolerizada:

— Rosina! nunca mais entre nos meus aposentos sem primeiro *pedir licença!*...



Ora demonstrado como fica que a *licença* é indispensavel e está nos nossos costumes, ainda para os actos mais naturaes da nossa vida, como se explica então esta relutancia do povo em *pedir licença* para trabalhar, isto é, para a execução d'um acto que não está propriamente na integra dos nossos costumes?!

Caprichos de criança — que d'uma criança não passa este bom povo, a quem agora deu para amuar-se...

Como as crianças se levam geralmente com cantigas, aconselhamos o governo a que faça distribuir profusamente pelas classes populares uma edição do *Hymno do trabalho*, do immortal Castilho, com as estróphes levemente alteradas por esta fórma:

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho  
É riqueza, é virtude, é vigor!  
E pague, como quer o Carvalho,  
*As licenças* ao recebedor!

No regaço do luxo a opulencia  
Os cansaços do ocio maldiz,  
E o povinho, pagando a *licença*,  
Fica alegre — sem uma de X...



## Politica em bolandas



Com a abertura do parlamento estiveram quasi para se abrir cabeças.

A rhetorica de aguas mornas, tão usual nas primicias sessões parlamentares, d'esta vez levantou fervura mal a pozevram ao lume; e o badalo do sr. presidente, em geral tão retrahido no começo das legislaturas, entrou já no activo serviço das suas funções apasiguadoras.

Pela amostra podemos calcular que lá para meia sessão legislativa os rolos de papel almaço contendo projectos de lei serão substituidos por outros tantos cacetes ferrados contendo choupas de dois gumes e que os illustres oradores, antes de tomarem a palavra, pedirão ao continuo, em vez do copo d'agua tradicional, um frasco de arnica, uma carta de adhesivo, e uma garrafa de aguardente camphorada.



O governo acaba de inaugurar um novo systema de levar a pacificação ao seio dos povos sem interferencia do sr. commandante das guardas municipaes. Em lugar de fazer occupar as praças publicas pelos janisaros da calçada do Carmo, o governo mandou afixar pelas esquinas os productos typographicos da casa Lallemand.

Estando annunciado para o ultimo domingo um grande comicio a fim de se protestar contra a lei das licenças, o governo diligenciou quanto possivel evitar a concorrencia a tal comicio, fazendo previamente afixar nos logares publicos um cartaz intitulado *As licenças* e onde se affirmava que o novo imposto é só para quem tiver a monomania da contribuição e quizer por força deixar na recebedoria dinheiro que ninguem o obriga a pagar, porquanto, quem não quizer satisfazer o tal imposto, é exactamente como se não tivesse cabeça: — não paga nada...

Louvamos o systema de *reclame* adoptado pelo governo, mas não podemos deixar de lhe observar que o emprego de cartazes é um processo muito recóco.

Para chamar a attenção publica tem de empregar meios mais engenhosos.

O preto vestido de encarnado da loja do Gallo, o bando dos toiros e os chromos do chocolate Mathias Lopes deviam dar-lhe muito melhor resultado de que os tacs cartazes pelas esquinas.

O ultimo, sobretudo, é de primeira ordem!  
D'um lado a figura do Zé Povinho, muito magro, muito escanzelado, a cair de lazeira.

Do outro lado a figura do mesmo Zé Povinho, muito gordo, muito sadio, com cara de quem vende saude pelo preço da sardinha petinga.

Por baixo do primeiro, o seguinte distico:

*Antes de tomar o chocolate das licenças.*

E do segundo:

*Depois de tomar o chocolate das licenças — com escala pela enxovia do Limoeiro.*

Não faltava nem um contribuinte! Até os vadios de profissão iam tirar licença... para trabalhar!



## Salões, palcos e circos



O *Gymnasio* deu-nos esta semana a *Francillon*, uma comedia d'um sabor muito original, com uns personagens tambem muito originaes e umas situações mais originaes ainda; onde ha, por exemplo, uns sujeitos solteiros que

não se tiram de casa d'um amigo casado, a pretexto de eviterem que a mulher d'este escorregue na casca de laranja das infidelidades conjugaes, quando a referida mulher é aliás d'uma honestidade tão inconeussa e tão extravagante que mette agulhas por alfinetes afim de fazer acreditar a todo o mundo ter saboriado até as pedivas do fructo prohibido, quando nem sequer lhe tinha tomado o cheiro, como por fim vem a aclarar-se!

Como vêem, é uma mulher absolutamente em desacordo com os usos da sociedade actual...

Beatriz é quem desempenha esse papel e desempenha-o na perfeição. Não podendo, como artista, fazer-nos mais revelações do seu talento, ha tanto revelado, faz-nos como mulher, no decote gentil da sua elegante toilette, outra especie de revelações em nada inferiores ás que já nos fizera do seu talento...



Em *D. Maria* subiu á scena a comedia *Os Velhacos*.

E' uma peça que deve fazer longa carreira, porque o publico sente-se evidentemente á vontade com aquelle genero de personagens.

Como se trata d'uma sucia de velhacos, parece ao espectador que está vendo em scena as pessoas das suas relações, todos os seus conhecimentos, todos os seus intimos, todos os seus melhores amigos!

Durante a representação dos *Velhacos* ouvimos a um espectador que estava ao nosso lado:

—Que peça tão natural! Parece mesmo que estamos em familia!...

Nos *Velhacos* estreiou-se o actor Eugenio de Magalhães, um rapaz muito sympathico, muito intelligente e muito illustrado, que já tinha nome de artista no Brazil e a quem o publico de Lisboa acolheu com justas manifestações de agrado.

Eugenio de Magalhães, que está em scena sem se desmanchar, correcto e direito como um diplomata,

apparece no 1.º acto todo vestido de claro, o que fez dizer a alguém que elle parecia um pingó de tocha.

A comparação é espiritualmente verdadeira, mas não se desconsola o artista, porque o tal *alguém* era feminino e lambeu os beiços quando lhe chamou *pingo de tocha*.

Evidentemente referia-se aos pingos de tocha da confeitaria Roza Araujo...



O *Coliseu* encheu-se de gente para ver o domador Julio Seeth com os seus oito leões.

O criado de Mendonça e Costa, que assistia ao espectáculo, aproveitou logo a occasião para nos impingir uma *mendonçaecosta* do sr. seu amo:

—Parece impossivel, disse-nos elle, como cabem quinze dentro da jaula!

—Quinze?! perguntámos intrigado.

—Decerto! o domador *Seeth* e oito leões... *Sete e oito*: quinze!



## A força do destino

Bem diz Arnaldo Raposo,  
N'aquelle *fado* em que diz:  
«Quando o fado é rigoroso,  
Nada vale ao infeliz!»

Mariano de Carvalho,  
— Que não é rei por bem pouco—  
Em moço deu-se ao trabalho  
De estudar p'ra pharmacôco.

Ora, é materia corrente  
Que, da pharmacia os pimpolhos,  
Costam matar na gente,  
Como quem mata piolhos.

D'ahi, o meigo Cyrillo,  
Que é de genio assombradiço,  
Não teve genio p'ra aquillo,  
Desistiu, deixou-se d'isso.

Mandou á fava a pharmacia,  
D'um futuro tão sinistro,  
E, com cuspo e perspicacia,  
Brevemente era ministro!

Mas— Oh! força atroz do fado!—  
Inventa a lei das *licenças*...  
— Grita o povo alvorotado,  
Salta tudo em desavenças!

Ha luta em grosso e retalho,  
E uns dez sujeitos, emfim,  
Vão, por causa do Carvalho,  
Esticando o canelím!...

.....  
Vejam que fado nefario  
Teve o Cyrillo innocente:  
— Ou ministro, ou boticario,  
Tinha de ser mata-gente!

*Pau Tavarinho*

## THEATRO DE D. MARIA

# OS VELHACOS



N'esta sociedade de *velhacos* a unica pessoa de bem é o Augusto Rosa, que faz um papel de caricaturista.

Exactamente como na vida real — modestia áparte, com respeito ao cá da casa, que é um anjo!



E comtudo, apesar de anjo, nem por isso está isento do sexto peccado mortal — a inveja — e exclama, como nós, mordendo-se de despeito, ao vêr o seu collega dos *Velhacos*: — Que belleza de homem! pae da minha vida!